



# Absolution Mise

Recontado por  
**PEDRO VIEIRA**

**MOJO**  
BOOKS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

Muse  
**ABSOLUTION**  
recontado por  
**PEDRO VIEIRA**

---

NOVEMBRO DE 2008  
VOLUME 85

---

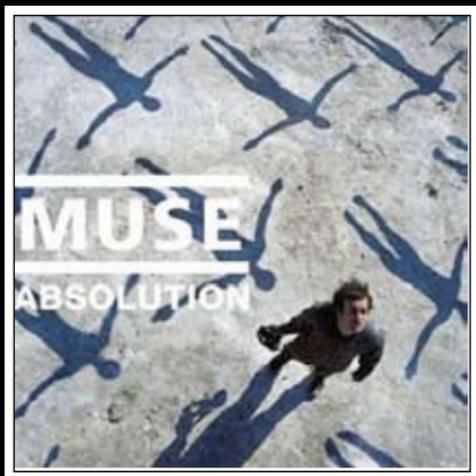
**MOJO**  
BOOKS

# MUSE ABSOLUTION

recontado por  
**PEDRO VIEIRA**

---

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**  
PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**  
REVISÃO: **DANILO CORCI**  
CAPA DESTA EDIÇÃO: **RENATA TONEZI**



## PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Intro
2. Apocalypse please
3. Time is running out
4. Sing for absolution
5. Stockholm syndrome
6. Falling away with you
7. Interlude
8. Hysteria
9. Blackout
10. Butterflies and hurricanes
11. The small print
12. Endlessly
13. Thoughts of a dying atheist
14. Ruled by secrecy

---

MUSE  
ABSOLUTION

LANÇAMENTO: 2003  
SELO: MUSHROOM

---



# **ABSOLVIÇÕES E ENGARRAFAMENTOS**

Nunca, nunca ia se acostumar a ver seu pai daquele jeito. Aos seus olhos, transfigurado, alguns diriam até possuído. Aquilo era parte da sua *job description*, o velho alegava. “Acostume-se, especialmente se você, Mateus, pensa em me suceder”, dizia. Mas Mateus não pensava nisso. Só havia comparecido ao culto naquele sábado porque era uma exigência do pai. Seu filho mais velho tinha de, em algum momento, comparecer ao maldito culto. Não bastava ser forçado a seguir involuntariamente toda a rotina da igreja, ele tinha de ir ao culto.

Não era mole ser filho de pastor. Mas, quando olhava para o pai em cima do púlpito, berrando a plenos pulmões como se cada decibél a mais fosse uma vitória rumo ao arrebatamento divino, exorcizando os medos e personificando a salvação daquelas pessoas, ele imaginava que não devia ser muito diferente do que ser filho de um lutador de vale-tudo. Era a mesma coisa, só que com menos sangue – com o sangue dos outros, claro.

Porém, naquele dia as coisas tomariam um desenlace diferente. Mas apenas daqui a alguns minutos. Por enquanto, Mateus tinha que manter a compostura. Ele escutava a ladainha dos fiéis, que repetiam desordenadamente as afirmações do pastor no púlpito e criavam várias camadas de

exclamações, algumas exaltadas, outras aliviadas, de “aleluia, irmãos”; “glória a Deus, irmão” e o que o valha, “irmão”. Duas semanas atrás, o pai o havia proibido de trazer o iPod para o culto.

– Olha pro Lucas, ele leva a religião a sério, ele participa das atividades, o que você tá pensando da vida? – indagava o pai. Lucas era seu irmão mais novo.

Mateus não sabia o que dizer. Primeiro, porque não acreditava em Deus. Não era sua culpa. Ele desconfia que nascera assim. Nunca tivera amigos imaginários e achava bem pouco provável que fosse aceitar um super-amigão imaginário que amasse todo mundo o tempo todo. Porra, haja Prozac, cara. Mas o pai colocava a culpa nos livros. “Livros demais deixam qualquer pobre coitado cheio de dúvidas, você tem medo de ficar ignorante? Conheço um monte de gente que nunca abriu um livro na vida e é muito mais feliz do que você, filho.” Porra, dá pra argumentar com alguém assim?

Outra coisa, Mateus não gostava daquilo. Todas aquelas pessoas olhavam pro pai como se ele fosse o Cara. O homem com todas as respostas. O mestre Yoda com uma prótese dentária de cinco mil reais e aplicações anuais de Botox. E o que aquele mestre Yoda fazia? Ao invés de ensinar os seus crédulos jedis a levantar a porra da *x-wing* do lamaçal, ele pedia o seu dízimo e dizia pra eles deixarem a nave lá, pois o amigão imaginário ia levantar por eles. Eventualmente.

8 | E era aquele dízimo imoral que havia pago pelo iPod de 160 Gb de Ma-

teus, que ele comprou da última vez que estivera em Nova York, empregando o dízimo dos fiéis para living la vida loca.

Mateus era um porco hipócrita e sabia disso. Às vezes lhe doía um pouco. Geralmente quando ninguém estava olhando.

Podia ser diferente?

Os irmãos não tinham nenhum conflito. Lucas seguia a cartilha com esmero. Tornaria-se um excelente pastor. E a irmã já estava de casamento marcado com o filho de outro pastor. Era como um casamento entre clãs. Manteria a igreja forte e unida. Laços de sangue, baby.

Então, já se passaram os minutos que eu havia comentado acima. Agora que o culto vai ter um desenlace diferente.

Mateus estava quase dormindo quando de repente a ladainha monótona foi interrompida por um estampido, algo que qualquer morador do Rio de Janeiro conhece muito bem – um tiro.

Todos se viraram para a entrada do templo, onde um homem apontava um .38 pro alto. Se Mateus se ofendia com o aspecto transfigurado do pai, era porque nunca havia visto alguém realmente transtornado. Aquilo sim parecia um rosto desfigurado. Ali estava um homem de meia idade, cabelos já ralos, um bigode respeitável e vestindo o máximo de formalidade que se podia comprar na C&A. Mateus fez uma nota mental, não deveria zombar das pessoas humildes, especialmente se portassem um revólver. *“NÃO julgueis, para que não sejais julgados”*, o Livro já dizia.

O homem apontou para o pai, que ficou sem palavras.

– Pastor Matoso, tu se lembra de mim? Lembra de mim, pastor?

O pai tentou usar sua lãbia, convencer o homem que era claro que se lembrava, mas Mateus pôde identificar claramente a confusão nos olhos do pai. Aquilo era uma encrenca que ele não sabia como se livrar. A banda já havia parado de tocar e, quando Mateus percebeu, metade da igreja havia vazado. É, o pai podia ser o Cara, mas nenhum fiel ia ficar ali pra tomar tiro de bobeira. Rá.

O inferno realmente começou, na vida de Mateus, quando os amigos da escola descobriram que ele era filho do pastor. Filho do pastor daquela igreja neopentecostal safada que comprou quase um quarteirão inteiro na Gávea pra fazer um templo. Um mega-giga-ultimate templo. O templo para acabar com todos os templos. Porra, era a Capela Sistina do Neopentecostalismo. Mas óbvio que parecia muito mais um parque temático do que uma igreja. E os amiguinhos fizeram de sua vida um inferno.

Pior foi na faculdade. Mateus resolveu fazer jornalismo. Achou que seria diferente. Os colegas, da faculdade de jornalismo mais cara da cidade, já tinham vocação para o sensacionalismo barato. Rapidamente, ele foi desmascarado e não podia mais tomar parte em nenhuma atividade. Não conseguia nem participar de uma discussão saudável em sala de aula, porque acabava sempre derrubado por um clássico argumentum ad hominem. Tipo, “olha quem fala, você é filho do pastor, seu safado”. Pronto, esse tipo

de argumento sempre é o mais eficiente, acaba com qualquer debate.

Talvez seja verdade mesmo que revivemos os momentos de nossa vida quando estamos prestes a morrer, já que, assim que teve a arma apontada pra cabeça, Mateus caiu nesse tipo de divagações. Mas voltemos ao templo e àquela delicada situação.

– Olha aqui, tu tá vendo isso? – disse o homem.

Mateus achou que estivesse falando da arma, mas na verdade estava mostrando os pulsos. Ambas a mãos tinham os pulsos grosseiramente inchados, a mão direita, que empunhava a arma, tremia freneticamente. Notava-se que o homem fazia um esforço sobre-humano para segurar o revólver, os dedos inchados mal conseguiam manter-se fechados no cabo.

Restavam poucas almas no templo. O homem apontou a arma para Mateus e mandou que fechasse a porta. O pai continuava no púlpito, como que congelado no meio de uma prece. Algumas pessoas ainda continuaram sentadas, orando fervorosamente. O homem mandou que todos saíssem quando Mateus fechasse as portas, inclusive ele.

Mateus julgou que aquela fora a decisão mais estranha de sua vida. Mais estranho do que quando resolveu entrar pro candomblé só pra irritar o pai. Ele fechou a porta e não saiu. O irmão havia fugido, a irmã e o futuro cunhado também. Mas ele ficou. O homem apontou-lhe a arma e Mateus explicou:

– Ele é meu pai.

Foi o suficiente para que o pobre diabo começasse a contar a própria história.

Seu nome era Hílton. Hílton era empalhador. Ele empalhava cadeiras, aquelas cadeiras antigas que vivem furando as palhinhas, que quase ninguém mais usa. Disse ele que conseguia sobreviver empalhando cadeiras, era quase uma figura folclórica em Copacabana, onde sentava-se há 10 anos na mesma esquina da rua Francisco Sá e empalhava cadeiras. Sua mulher, Bianca, era da igreja. Vinha aos cultos toda a semana e convenceu Hílton a aceitar Jesus como seu senhor e salvador. Hílton gostava do pastor Matoso. Hílton acreditava nele. Tanto que quando o médico diagnosticou que aqueles inchaços nos pulsos eram um caso grave de artrite reumatóide, ele foi ter com o pastor. O pastor, de cima de toda a autoridade que a irracionalidade humana lhe confere, disse que bastava ter muita fé e orar, que nenhum mal podia contra a fé. Por isso, Hilton achou que não precisava tomar aqueles remédios caríssimos. Agora, não podia mais trabalhar, mal conseguia trançar uma palha, e a mulher resolvera que ele não tinha fé suficiente e o deixara. Ele agora estava sozinho e trocara com o vizinho o seu televisor e uma geladeira velha por aquele .38. Tudo porque precisava mostrar ao pastor Matoso o que pensava de sua fé e de seu Deus.

O pai continuava paralisado.

— Olha aqui pastor! Olha! — ele brandiu a mão esquerda. O dedo anelar estava horrivelmente inchado e roxo. Parecia uma coisa triste e morta,

sequer tinha uma unha. A aliança havia ficado presa no inchaço da pele, cortara a circulação e fora responsável por aquela anomalia sangrenta – aquela desgraçada me largou e nem a aliança eu posso tirar!

“Por que não tirou a porra da aliança quando essa merda começou a inchar?”, pensou Mateus. Depois, fez outra nota mental, não zombaria de pessoas humildes armadas e desesperadas.

Mas, pra falar a verdade, o garoto realmente sentiu pena do homem. Alguém que se deixa levar pela ladainha estúpida de seu pai tinha de ser uma pessoa digna de pena muito antes de aquela doença acabar com sua vida. Mas Híltón era um caso extremo. Ele veio ali buscando salvação e aquilo destruiu sua vida.

— Que Deus que me deixou assim? De quem é a culpa? Se não foi Deus, foi você, seu corno! – gritou, apontando a arma para o pastor. Até onde Mateus sabia, o pai não era corno, ora.

— Espera – disse Mateus.

— O que tu quer, filho do pastor? Tu vai me convencer de quê? O teu sangue é o sangue dele, o teu Deus é o Deus dele, que absolvição tu tem pra me oferecer?

Mateus podia muito bem calar-se, mas preferiu falar. Pela primeira vez via o pai calado e sem ação. Aquela não era uma situação que ele poderia orar uma saída rápida. Nem que o dinheiro do dízimo compraria uma solução. Provavelmente era uma situação sem solução. Mas Mateus

preferiu falar.

— Eu sou do sangue dele, mas não ofereço absolvição a ninguém.

— Ah, então tu concorda comigo. Se Deus não foi responsável, mato o teu pai agora! Porque ele é o único responsável pela minha miséria.

— É? Meu pai não é um personagem bíblico que possa distribuir apocalipses e absolvições quando bem entende.

“Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas, não aconteça que as pisem com os pés e, voltando-se, vos despedacem.”. Uau. Desde quando Mateus andava tendo *flashbacks* dos seus dias de estudo na escola bíblica dominical?

Hilton continuou esbravejando:

— Seu moleque! Ele é o pastor! Toda semana ele diz pra gente o que Deus quer de nós!

— E você acha que Deus queria que você deixasse essa doença acabar com sua vida? Queria que você perdesse a sua família e o seu emprego? E viesse aqui pra matar o pastor? Que tipo de Deus ia querer isso, Hilton?

Mateus experimentou uma onda de confiança. Chegou até a se aproximar de Hilton, como se estivesse em algum seriado norte-americano e, num vacilo do homem das mãos retorcidas, poderia desarmá-lo. Mas ele realmente não tinha talento para aquilo. Hilton levantou a arma, desengonçado, e quase acertou o nariz de Mateus.

— O cacete o que Deus quer! Teu pai vai morrer pelo que me fez! Deus

nunca quis isso, foi teu pai que quis!

— Você não pode ter certeza do que o pastor quis, nem do que Deus quer. Como pode ter certeza?

“E os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.”. Qual era o reino mesmo? Mateus nunca foi muito assíduo nos seus estudos religiosos.

— Tu tá dizendo que Deus ia querer ferrar com a minha vida? DEUS IA QUERER FUDER COM A PORRA DA MINHA VIDA, PASTOR?!

A última frase foi dirigida ao pastor, claro. Mateus, livre de devaneios bíblicos, tentou enviar vibrações telepáticas para o pai. Porra, era só ele responder: “SIM”, e aquele homem atormentado ia aceitar sua condição fodida. Era aquilo que ele queria. Que alguém o convencesse que ele não podia fazer nada e nunca pôde, porque a força maior – o amigão imaginário – decidiu que ele ia se foder na vida. Cara, ele só precisava daquilo. Mas não, o idiota do pai entrou no modo pregação automática. Como culpá-lo? Ele fez uma fortuna daquele jeito. Daí, mandou uma citação default:

— Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos...

Antes que o pai terminasse a frase, levou uma coronhada na cabeça. E, ainda mais possesso, o empalhador apontou a arma para Mateus. Aquela resposta do pai era clara. Se o amigão imaginário não havia decidido foder com ele, o pai decidira. E isso era uma baita duma sorte, porque não dava

pra dar uns tiros e passar Deus com um .38. “Você realmente precisaria de uma arma maior”, pensou Mateus.

A essa altura, a polícia já devia estar lá fora. Mateus ouvira as sirenes. Cara, o trânsito devia estar um caos, um engarrafamento memorável, com certeza. E os moradores iam ver que era culpa da igreja. Foda-se que o templo havia sido sequestrado e o pastor feito de refém. Ninguém queria aquela igreja incrustada no meio de um bairro nobre. Que morram todos.

— Então qual é o seu Deus, filho do pastor? — o homem apontou a arma pra ele. Porra, o que era aquilo, uma roleta russa? Qual resposta iria fazer Mateus se safar, e qual o condenaria?

— Não acredito em Deus. Em Deus NENHUM.

— Como é que tu consegue viver desse jeito, moleque?

Era simples, um dia de cada vez, como qualquer pessoa sã e racional. Mas o coitado não queria ouvir isso. Não queria ouvir que era fácil. Ele queria um segredo, uma citação, uma pílula de auto-ajuda instantânea. Só uma overdose de Mitch Alborn ou Deepak Chopra, injetável, na veia, iria tirá-lo daquela espiral. E transformá-lo em um zumbi sem alma, claro, como tantos outros. Como os fiéis também, que seguiam cegamente o pastor. Mateus não podia oferecer absolvição, mas algo ele tinha de oferecer. Por isso, resolveu oferecer o melhor que podia. “O que vos digo em trevas dissei-o em luz; e o que escutais ao ouvido pregai-o sobre os telhados.”. Sim, ofereceria o melhor que podia.

— Tudo que acontece de ruim na minha vida, a culpa é minha.

— E Deus... ?

— Foda-se Deus. Olha pra você, cara. Você está na merda e ainda quer defender um suposto Deus que te deixou nessa merda. Você iria se surpreender com como é fácil viver a vida sem ninguém olhando por cima do seu ombro o tempo inteiro e te dizendo o que pensar.

— Mateus... — seu pai venceu o medo paralizante e tentou interrompê-lo.

— Pastor Matoso. Esse teu garoto não vai conseguir muitos fiéis pra igreja se continuar falando desse jeito. — Híltou riu. Pela primeira vez esboçou um sorriso.

— A polícia está lá fora. Que tal sairmos daqui? — perguntou Mateus.

— Garoto, eu vim matar o teu pai. O pastor. E tu conseguiu me convencer que ele não tem culpa. Que Deus não tem culpa.

Ele iria matar o culpado. Óbvio. Levantou a arma e atirou no rosto de Mateus, antes de disparar contra a própria cabeça. Fazia sentido, claro. Mateus fizera as vezes de justiceiro, matara seu Deus, o único que estava além das balas de seu .38, então o homem completaria o serviço.

Pelo menos Mateus não tentava enganar a si mesmo. Sabia que aquela poderia muito bem ser sua última vida. O fim.

Mas não foi sem um pouco de vergonha que Mateus pensou em Deus antes de morrer. Não acreditava, claro, mas durante aquele instante eterno

torceu para que Ele existisse. Não havia mal nenhum naquilo, certo? Além do mais, ninguém ficaria sabendo, oras! O pior de tudo, e mais frustrante, era que ele estava prestes a descobrir e mesmo assim não poderia contar a ninguém. Pois é, nenhum contrato tinha uma maldita cláusula de sigilo tão boa quanto aquele.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)